

ENCONTROS DE RIOBALDO: TRAVESSIAS DO SUJEITO

*Márcia Marques de Moraes**

RESUMO

Objetivo deste texto é ler os três grandes encontros do narrador Riobaldo em sua narrativa do **Grande sertão: veredas** como representações da busca de sua identidade, da busca de uma resposta ao sempre enigma do sujeito: “Quem sou eu?”. Ao perscrutar-se como sujeito na triangulação dos encontros, Riobaldo também se encontra como narrador.

Começo a minha fala,¹ discordando da fala da professora Dr^a Heloísa Starling que me antecedeu aqui. Minha discordância é retórica, isto é, apenas tem a intenção de chamar sua atenção para as leituras misturadas do **Grande sertão: veredas**. Com isso, quero, ainda, preparar um pouco o caminho para a fala que sucederá a minha – a do professor Dr. Davi Arrigucci, autor de um dos mais grandiosos (a palavra não pode ser outra) ensaios sobre o romance de Rosa, e cujo título é exatamente “O Mundo Misturado”.

A minha discordância é a seguinte: a memória de Riobaldo pareceu à professora meio falha, meio capenga, em virtude dos lapsos que produzem na possível História com H, um certo embaralhamento, uma mistura do fato na produção do ficto, uma certa perplexidade diante da realidade histórica e ficção literária; como se, no simbólico, se amalgamassem real e imaginário, numa analogia grosseira à terminologia lacaniana e, nesse amálgama, se perdesse o fio da meada da História, o curso dela. Assim, a travessia do grande sertão, com minúscula, e a narrativa do Grande Sertão, com maiúscula, supõem recuos, obstáculos, trilhas que se entrecortam, retrospectivas, prospectivas, e a linha do tempo cronológico se atenua muito, enfraquece-se, esmaece.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

¹ Este texto é resultado da palestra, proferida em 8 de maio de 1998, como atividade preparatória para o Seminário Internacional Guimarães Rosa.

Aqui, então, entra o meu ponto de vista. Se a linha do tempo cronológico se rompe, emenda-se e é bamba, como a canoa em que Riobaldo atravessa o rio com o Menino, é porque um outro tempo é privilegiado no romance: chamá-lo tempo psicológico é só um rótulo, e rótulos são muito perigosos, numa escrita como a do **Grande sertão: veredas**. No entanto, vá lá... Nesse tempo que privilegia, pois, o imaginário, a memória é fator de suma importância – não para ser tratada também linearmente, mas para fornecer material simbólico, através do qual o sujeito pode andar em busca de um si mesmo.

Pela memória é que Riobaldo procura reaver algumas perdas, perdas sempre a machucar o sujeito – seja ele o Menino Riobaldo, seja Riobaldo Tatarana, o Cerzidor ou, ainda, o Urutu-Branco e, agora, o sujeito narrador que tenta, pela fala – “talking cure” –, encontrar respostas para seus enigmas, decifrar-se como sujeito e buscar o sentido da vida.

Para provar que estou certa, isto é, que a memória de Riobaldo é para ele um bem precioso, recorro a seu próprio testemunho. Logo no início de sua narrativa, aponta o gosto que agora tem de “especular idéia” (Rosa, 1965, p. 11), estando de “range-rede” e diz para o interlocutor:

Assim é que digo: eu, que o senhor já viu que tenho retentiva que não falta, recordo tudo da minha meninice. Boa, foi: me lembro dela com agrado; mas sem saudade. Porque logo sufusa uma aragem dos acasos. Para trás, não há paz. (Rosa, 1965, p. 35)

No entanto, há qualquer coisa de encoberto nessa memória, o que me leva ao texto de Freud, chamado, sintomaticamente, “Lembranças Encobridoras”. Por isso, julgo não ser ela uma memória má; é uma memória recalcada. Por ela é que o narrador quer chegar a um seu “para trás”, quem sabe, à procura daquela “paz que não há”. Por isso, ainda, ele diz:

Desculpa me dê o senhor, sei que estou falando demais, dos lados. Resvalo. Assim é que a velhice faz. Também o que é que vale e o que é que não vale? Tudo. Mire veja: sabe por que é que eu não purgo remorso? Acho que o que não deixa é a minha boa memória. A luzinha dos santos arrependidos se acende é no escuro. Mas, eu, lembro de tudo. (Rosa, 1965, p. 112)

Como se vê, é a sua boa memória que não o deixa purgar remorso e, por isso, ele continua: “Conto para mim, conto para o senhor. Ao quando bem não me entender, me espere”. (Rosa, 1965, p. 112)

Pela fala, pelo discurso, pela narrativa, há um sujeito que, intersubjetivamente, entre o si mesmo e o outro, entre um eu e um tu, pretende decifrar enigmas. Enigmas que se apresentam todo o tempo, o tempo todo, mas que, inicialmente, encarnam-se no mistério do pacto – pode-se ou não se pode fazer trato com o demo?

Ao recordar, pelas lembranças, ele quer descobrir o que está encoberto e

responder a uma pergunta também fulcral em sua vida: “Por que foi que eu precisei de encontrar aquele Menino?” Menino, através de quem, preso no próprio nome, no *dia* (prefixo grego) de Diadorim, a travessia do sertão, daquele “tão-ser”, vai-lhe propor enigmas, nas muitas misturas do mundo que ele queria desmisturado:

Que isso foi o que sempre me invocou, o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza. Quero os todos pastos demarcados... Como é que posso com este mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas transtraz a esperança mesmo do meio do fel do desespero. Ao que, este mundo é muito misturado.
(Rosa, 1965, p. 169)

É a partir do encontro com o Menino que as misturas do mundo vão ser percebidas: o si mesmo e o outro; o feminino e o masculino; medo e coragem; alegria e tristeza; interioridade e exterioridade; o bem e o mal – tudo misturado. As metáforas da mistura lá estão: o corpo do rio pequeno, o De-Janeiro, no corpo de um rio grande, o São Francisco; a insegurança de Riobaldo e o “despachado” Diadorim; Riobaldo ali levado pelas mãos da mãe, “simplesmente a Bigri”, e o renomado e evocado pai de Diadorim; as roupas do Menino que não “fuxicavam”, e as de Riobaldo a meter-lhe vergonha, na metonímia da capanguinha que ele tentava esconder, enrolando, amassando; Riobaldo a tirar esmolas para pagar promessa da mãe, e Diadorim comprando queijo e rapadura com seu próprio dinheiro.

Aí, então, o sujeito Riobaldo sai do espaço estrito de um si mesmo colado à mãe e vislumbra o espaço maior de um outro, o De-Janeiro pequeno atravessa e cai no São Francisco, travessia que fascina e desperta um desejo de conhecer, enorme, e que também amedronta, pois a passagem se dá numa “bamba canoa”, a vida inteira, diz Riobaldo. Ele tem medo e vergonha, vergonha de ter medo e vergonha de si mesmo, o que já nos induz a perceber, no tom do seu discurso, nas lembranças e nas metáforas, muitos traços da sexualidade, como ponto enigmático do romance e, freudianamente falando, da construção do sujeito. E Riobaldo enfatiza aquele encontro com o Menino: “(...) eu não sentia nada. Só uma transformação, pesável. Muita coisa importante falta nome”. (Rosa, 1965, p. 86)

Um segundo encontro de Riobaldo vai complementar esse primeiro e, ao mesmo tempo, intermediar o terceiro. Ao segundo encontro, Diadorim não estará presente e, portanto, quando eu falo em complementar o primeiro, não o faço aqui por “intermédio de Diadorim”. Na verdade, quero estabelecer essa triangulação dos três encontros, para metaforizar também o triângulo edípico tão enigmático e conflituoso para o narrador Riobaldo. Assim, quero mostrar a mãe Bigri, levando-o ao Porto do De-Janeiro onde ele conhece o Menino, enquanto este segundo encontro, o da chamada “Madrugada de Siruiz”, será um encontro na casa do pai, Selorico Mendes. Se, na primeira vez, não havia um pai para Riobaldo, agora, morta a Bigri, ele está na Fazenda São Gregório do pai e padrinho, ouvindo estórias de jagunçagem. É

aí que se dá o encontro com o bando, e as abstratas narrações de Selorico se concretizam para ele: jagunços, em pessoa, aparecem para se esconderem na São Gregório. Aí, também, sintomaticamente, Riobaldo fica conhecendo, sem saber ainda quem é, um famoso pai, Joca Ramiro, de quem Diadorim dissera: “Meu pai é o homem mais valente do mundo”. O herói toma, pois, contato com o universo masculino: o pai/padrinho que o manda esconder o bando e seus chefes; o próprio bando e a cantiga enigmática que o jagunço Siruiz, perguntado pela moça virgem, cantava e que marcou para sempre a travessia do sertão. Tendo-se encontrado com as armas, através da visão do bando, na escuta da canção, Riobaldo encontra-se com a poesia, mistura essa que vai marcar-lhe também um destino dividido entre ação e reflexão e fazer dele “o jagunço letrado”, no dizer de Walnice Nogueira Galvão (1986, p. 77-91). Na cantiga, Riobaldo evocará uma saudade perdida: um outro lugar antigo; a Nossa Senhora para a qual, quem sabe, se fizera a promessa da Bigri; o rio largo e um amor convidado para participar de combates. O amor da moça virgem? No imaginário de Riobaldo, o encontro da travessia dos dois rios, embalado, agora, na Canção. Os signos da sexualidade retornam mais enigmáticos, na letra da cantiga e no tom com que a jagunçada, matreira e maldosamente, pede a Siruiz que lhe cante a canção: “Siruiz, cadê a moça virgem?”. O encontro com aquele bando presentifica para Riobaldo a figura do pai a lhe contar histórias, e a cantiga daquela madrugada de Siruiz é imaginada como podendo ter sido cantada pela mãe. No imaginário há, pois, um sujeito constituindo-se na triangulação: pai-mãe-filho. A partir daquela madrugada, Riobaldo pergunta-se, inúmeras vezes, por aquela cantiga esquecida e tentará fazer outros versos à semelhança daqueles. O “jagunço letrado” é um outro sujeito que também brota ali, naquele segundo encontro, da conjunção das armas e da poesia. O próprio Riobaldo, narrador do Grande Sertão, romance que atravessa o sertão épico e que é atravessado pelo lirismo, nasce ali naquele contato com a oralidade, com o poema cantado, que representa a gênese da própria literatura. Nesse encontro, então, pode-se ler o nascimento do narrador e, metalingüisticamente, da literatura, atravessando poesia e prosa, o lírico e o épico, para se metaforizar na forma híbrida da balada, tão híbrida quanto o também enigmático Diadorim.

Assim, esse segundo encontro, o da “Madrugada de Siruiz”, prepara um terceiro, porque o Menino, que mais tarde se dirá Diadorim, conhecido no Porto do De-Janeiro, reaparecerá como o moço Reinaldo, jagunço, no próprio bando que apareceu no segundo encontro. O desejo despertado em Riobaldo e representado na sua fala sobre querer ficar para sempre com o Menino – “Fui recebendo em mim um desejo de que ele não fosse mais embora, mas ficasse, sobre as horas, e assim como estava sendo, sem parolagem miúda, sem brincadeira” – só meu companheiro amigo desconhecido – e o fascínio exercido sobre ele pelo bando, naquela madrugada de Siruiz, conjugam-se no que estou tratando como terceiro encontro e que, repito, é o reencontro com o Menino, agora, jagunço Reinaldo.

Nesse momento, siderado pelos “olhos verdes, semelhantes grandes, o lem-

brável das compridas pestanas, a boca melhor bonita, o nariz fino, afiladinho”, Riobaldo diz ao interlocutor: “Só flagrante, conheci”, e é importante atentar-se para esse *conheci*. Quanto conhecimento advém daí, sempre intermediado pelo Outro, representado em Diadorim... Perceba-se, ainda, que o *soflagrante*, o de chofre, repentinamente, do *flagrante*, antecedido do *so*, apocopado de *sob*, nos induz a ver, *sob aquele repentino conhecimento*, embaixo *daquele flagrado* “conheci”, outras formas de conhecer. Tanto que, logo depois, Riobaldo diz: “Aquele encontro nosso se deu sem o razoável comum, sobrefalseado, como do que só em jornal e livro é que se lê”.

A natureza quase ficcional (sobrefalseada) daquele encontro, apontando o acaso, a coincidência, a traçar o destino de Riobaldo, representado mesmo por esses três encontros, é uma leitura que não pode ser esquecida. Ela pode apontar, sim, o narrador, numa esperteza de autor, a narrar, de novo, por vias tortas, a própria literatura, o fazer literário, mostrando, em última análise, o **Grande sertão**, metapoeticamente, falando de literatura. Nessa óptica, Riobaldo já dissera ao interlocutor: “(...) o senhor mesmo nunca viu coisa assim, só em romance descrito”, e ele fazia a descrição da saída dos jagunços para a guerra, sob o comando de Zé Bebelo. No entanto, a leitura da assunção do acaso, do privilégio da coincidência, pode ser focalizada sob um outro ângulo, exatamente aquele da construção do sujeito. É que os três encontros repetem para Riobaldo uma situação, parecem uma coincidência e o são. Isto é, incidem juntos, *co*, sobre um sujeito tentando perceber-se, refletir sobre si mesmo, perguntar-se perguntas para as quais “nem Quelemém, nem o senhor” põem resposta. Os três encontros vão costurando a fala do narrador-personagem, Riobaldo, funcionando como alinhavos de sua narrativa (Arrigucci já chamara aos dois primeiros encontros de “pontos de sutura” e eu gostaria de tocar na expressão lacaniana – “point de capiton”, como o “ponto de estofó”, numa tradução e o “ponto de basta”, em outra. Tal ponto é análogo à frase que só afivela uma significação com o último termo, embora todos os precedentes contribuam para o sentido, que tem, por conseguinte, um movimento retroativo). Assim, tais encontros de Riobaldo são significantes em deslizamento a buscarem um significado que, por sua vez, para ser encontrado deve retroagir aos precedentes. Nesses encontros repetidos, o sujeito Riobaldo busca a razão do acaso, da coincidência, refletindo com o interlocutor. No entanto, esse acaso que persegue Riobaldo não é o acaso como a ausência de ordem, o casual, “mas é um acidente que articula séries causais independentes”, como quiseram Aristóteles e Tomás de Aquino.

Vividos, pois, os três encontros: com o Menino, com o bando e a canção, com o Moço Reinaldo, como parte do bando que lhe evoca a canção, Riobaldo está irremediavelmente preso à vida jagunça. E, então, interagindo com seu interlocutor, ele busca uma articulação que lhe explique aqueles acasos. Tal articulação, certamente, será encontrada nas tentativas que cada sujeito se faz de responder à pergunta sobre sua identidade, conformando-se sempre com meias-verdades. Buscá-las, no entanto, é constituir-se sujeito. Tal busca se faz exatamente pelas trilhas em que o

sujeito, ao se constituir, se perdeu, isto é, pela linguagem.

É isso que Riobaldo faz ao narrar ao interlocutor “não uma vida jagunça”, como ele diz, mas “a matéria vertente”. Ele se busca nas muitas vozes que o falam: a voz do narrador, a voz do jagunço-personagem, a voz do destinatário que só aparece pela própria fala de Riobaldo; a voz do autor que espertamente se mostra e se esconde; e a nossa voz, a do leitor, que lê o jagunço Riobaldo, ultimado com a morte de Diadorim e restando, apenas, como um sujeito em constante atravessar. Assim é que termina o **Grande sertão: veredas**: “Existe é homem humano. Travessia”.

ABSTRACT

This text aims at a reading of the three great encounters of Riobaldo, the narrator in Guimarães Rosa's **Grande sertão: veredas**, as representations of his search for identity, of his search for an answer to the constant enigma concerning the subject: “Who am I?”. In probing his self as subject within the triangular scope of the encounters, Riobaldo also discovers himself as narrator.

Referências bibliográficas

- ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa. *Novos Estudos/CEBRAP*, São Paulo, n. 40, p. 7-29, nov. 1994.
- FREUD, Sigmund. *Primeiras publicações psicanalíticas (1893-1899)*. Trad. Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976, (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3). *Lembranças encobridoras (1899)*, p. 329-354.
- GALVÃO, Walnice N. *As formas do falso*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsações*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986.
- GREEN, André. *O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura*. Trad. Irene Lubria. São Paulo: Imago, 1994.
- LACAN, J. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- LEMAIRE, Anika. *Jacques Lacan: uma introdução*. Trad. Durval Checchinato. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1965.